

O ESCRITORE SUA OBRA: observações à margem do trabalho intelectual de Gilberto Freyre

Nelson Saldanha

De certa maneira, a vida das obras segue um curso inverso ao dos organismos. Enquanto estes evoluem rumo à morte, e, após a idade adulta, têm de se habituar a uma lenta e inevitável decadência, as obras, pelo contrário, perseguem indefinidamente seu crescimento. Para elas, durar não quer dizer apagar-se pouco a pouco, porém ...crescer. Uma obra que não morre só pode aumentar com o tempo.¹

1. Teoria do afazer intelectual

Coloco o termo “afazer” – pouco usado no singular, em português – no sentido do espanhol *quéhacer*, que Ortega exemplarmente empregava. Aliás Ortega mencionava a vida intelectual como um afazer, como algo que integra as ocupações concretas que preenchem e conduzem o viver: o viver com suas estruturas específicas.

As ocupações intelectuais não são obviamente privativas dos chamados “intelectuais”. Pessoas das mais diversas profissões – ou mesmo sem profissão – praticam diariamente atos como ler, escrever, tomar contacto com coisas da arte ou da ciência.

Mencionarei porém, dentre os afazeres intelectuais, os do escritor e do cientista social, aplicáveis à obra de Gilberto Freyre. Não se trata do *cientista social* como figura do meio universitário, como recorte burocrático cujo perfil pressupõe rigorosa distinção entre ciências e a distribuição, a cada uma delas, de um campo de pesquisa fechado e controlado. Com frequência, o burocratismo (o ismo da burocracia) mais tolhe e distorce do que estimula a cultura. E na verdade a profissão docente termina por ser, ao contrário das aparências (e ao menos nos contextos subdesenvolvidos), uma das que menos favorecem a atividade especificamente intelectual.

Pessoalmente gostaria que Gilberto Freyre, que passou tão

1 GUÉRIN, M. *O que é uma obra?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.83.

pouco tempo no magistério (quando aproveitou para difundir no meio pernambucano idéias modernas sobre pesquisa), tivesse escrito, além ou dentro do livro sobre ser e não ser sociólogo, algum texto sobre ser e não ser professor: o professor como burocrata, como estudioso, como guardião de saberes ou como produtor intelectual. Mas a propósito de “ser e não ser sociólogo”, caberia talvez uma observação. Freyre não foi propriamente um pensador dialético; havia nele mais a empatia do antropólogo, que promove a identificação “compreensiva”, do que a vivência metafísica das oposições. Entretanto não usou a disjuntiva “ou” (ser ou não ser), mas sim a alternativa, ser e não ser. Com isso não expressava uma negação dialética,² mas atendia pluralismo de seus interesses – sociólogo sim, e sempre, mas também historiador social, antropólogo, escritor “literário”. Um escritor que, enquanto historiador, cumpria um papel de antropólogo, sem hesitar em avançar opiniões questionáveis (como a que avançou sobre Oriente e Ocidente em certo passo da “Introdução” de *Insurgências e ressurgências atuais*), mas que alimentavam organicamente um determinado modo de ver.

Tratando-se de Gilberto Freyre temos, entretanto, de alterar os contornos do conceito de *intelectual*, no caso um tanto vago, e os do de *escritor*, que pode induzir a certas exclusões (o escritor como “não-orador” ou como “não-cientista”, por exemplo). Recordo aliás que Julián Marías, falando no Seminário de Tropicologia da FJN, afirmou certa vez que o escritor é alguém que não se exprime adequadamente senão quando escreve, e isso sem dúvida se aplica a Freyre; mas ele não foi um escritor no sentido excludente e restritivo, sim no amplo, e talvez melhor, sentido da palavra.

Alterar aqueles contornos, dizia, inclusive para enfatizar o conceito de escritor: Gilberto como todo mundo sabe se considerava um escritor, e acrescentava “escritor literário”, mas sem negar

2 Em *Como e porque sou e não sou sociólogo* (Brasília: Ed. Unb, 1968. p. 63) Gilberto qualificou de “simbólica” a expressão *Sobrados e Mucambos*, usada para “caracterizar a antítese” residente em tendências existentes no Brasil desde o século XVIII. Linhas acima emprega o substantivo “complexo” para aludir ao processo de formação do país: “do Brasil inteiro e não apenas de um dos brasis”. Em outra ocasião, o escritor mencionaria tal processo como um “equilíbrio de antagonismos”. – Entretanto (cf. *Como e porque* p. 139), escreveria que em *Casa-Grande & Senzala* o diálogo entre tempo morto e tempo vivo constituía – o que me parece força de expressão – uma versão moderna de diálogo platônico “sob aspecto dialético hegeliano”, vez que dos dois tempos surge como síntese um terceiro, meio vivo, meio morto, próprio de todos os grupos humanos.

evidentemente seu trabalho de historiador social, de sociólogo e antropólogo, ou sua condição de crítico e de pensador. E eis um ponto que interessa: Gilberto Freyre como *pensador*. O termo também é vago, e em geral usado para designar um autor que vai além de certas categorias: o não apenas antropólogo, o não apenas psicólogo, o não apenas historiador. Aquele que, *sendo* historiador ou antropólogo, produz reflexões (que em linguagem epistemológica poderíamos chamar metacientíficas) referentes a temas que estão dentro do afazer científico mas que ao cientista *stricto sensu* podem esconder-se.

Sebastião Vila Nova observou, pertinentemente, que a singular importância da dimensão literária da obra de Freyre não deve levar a que seja esquecido o “sistema de pressupostos teóricos” existentes naquela obra. Aqui recorro que Ortega (torna a citá-lo, e não é por acaso que se cita Ortega em um escrito sobre Freyre) mais de uma vez queixou-se de que certos leitores, deliciados com suas metáforas e seus recursos literários, despreocupavam-se de apreender os conteúdos mais profundos de seus textos. Para Vila Nova, esta dimensão da obra do autor de *Casa-Grande* (as coordenadas epistemológicas e metodológicas) estariam realmente na área da metasociologia; e nela entrariam conotações frequentemente omitidas pelos seus intérpretes, inclusive sua ligação com certas correntes filosóficas, o pragmatismo por exemplo.

Entretanto, ao mencionar Gilberto o pensador, estou aludindo também às incursões do sociólogo-antropólogo na “crítica da contemporaneidade” (este termo geralmente designa certas obras da geração anterior à de Gilberto, a geração de Ortega, de Mannheim e de Huizinga), bem como suas opiniões sobre a vida, o mundo e as coisas.

Interessa-me contudo, e com isto retomo a referência ao “afazer intelectual”, tocar no tema do *modo de trabalhar*, como caracterização existencial da relação do autor com a sua obra.

Mais de uma vez tenho feito a distinção entre tratadistas e ensaístas, ou ao tratado e ao ensaio como dois *modos* fundamentais do trabalho intelectual – modos quase no sentido spinoziano (“afecções” da substância) –, dois padrões bastante distintos entre si.

Vejo em Gilberto Freyre, como em Ortega, como em Octavio Paz e tantos outros, mais o ensaísta do que o tratadista: tanto no livro extenso (como em *Casa-Grande* ou em *Sobrados*) quanto no texto breve. O ensaio como forma conscientemente menos “científica” e menos “rigorosa”, com contornos flexíveis e versáteis. Mesmo no

livro *Sociologia. Introdução ao estudo dos seus princípios*, uma obra paradidática, o tratadista tropeça no ensaísta, que desponta de vez em quando no meio de um roteiro intencionalmente racional e disciplinado. Mas me refiro, também, ao modo de trabalhar de Freyre no sentido de uma especial combinação entre liberdade e intensidade, quase entre descomprometimento e paixão – o escritor desobrigado de cláusulas e clausuras acadêmicas e do fetichismo metodológico, mas preso ao papel e à escrita como a um destino. Temas soltos, mas conectados; pedaços de pensamento que ocorrem em determinado livro e que se completam com outros, em outros livros. A ausência de um plano, aparente ausência, se compensa com os retornos temáticos, que raíam pela repetitividade.

2. Referência a autores e obras

Sempre se pode falar de pensadores que deixam uma *obra maior*: escrevem outras, mas não repetem nelas a grandeza daquela. Algo como o que às vezes se designa como ficar “prisioneiro da obra-prima”. Lembraria Santo Agostinho com a *Cidade de Deus*, Spinoza com a *Ética*, James Frazer com o *Ramo Dourado*, Jaeger com a *Paideia*, Spengler com a *Decadência do Ocidente*, Toynbee com o *Estudo de História*, além de casos extremos como o de Montaigne com seus *Ensaio*s. Pesam menos, no caso de Bispo de Hipona, as *Confissões* ou o *De ordine*, como no caso de Spengler o ensaio sobre Heráclito ou o livro *Anos de Decisão*. Em outros pensadores encontra-se uma relativa paridade entre as diversas obras. No caso estariam Francis Bacon, Kant, talvez Hegel (as obras iguais pela pertinência ao sistema!); Freud, Bergson, Ortega, Leopoldo Zéa, tantos mais. Habermas, ao que creio, deixará como produto maior o livro sobre a ação comunicativa.

Como grandes *escritores* com algum livro marcadamente maior, ocorreria lembrar Joyce, Proust, Cervantes, Virgílio, Stendhal. Entre os escritores sem obra unanimemente reconhecida como maior estariam Shakespeare, Balzac, Flaubert, Eça, Camilo, Borges, tantos outros (isto vai dito sem desconhecer que o chamado juízo dos pósteros nem sempre coincide com o do próprio autor, que às vezes tem como obra maior um livro que a crítica não considera como tal; compare-se o caso de Carlos Gomes, que considerava a *Fosca* sua melhor ópera, seguida do *Schiavo*).

Dentro da vasta obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, mesmo sem ser talvez o “principal”, ou o mais valioso, ficou como o livro mais citado, o mais conhecido, o mais mencionado como modelo e como fonte. Não seria isto, por certo, um resultado da sua extensão gráfica; nem, provavelmente, do fato de ter sido o primeiro de um ciclo. De todos os modos, vale anotar alguma coisa em torno do tema da *obra extensa*.

3. Digressão sobre a obra extensa

A história das ciências sociais está cheia de obras extensas. A historiografia sempre propiciou a redação de livros intermináveis, a sociologia e a antropologia também. Gibbon escreveu em seis volumes o seu *Decline and Fall of Roman Empire*; na Grécia antiga, e em Roma, Heródoto (e Tucídides), bem como Tito Lívio, tinham-se alongado em digressões e narrativas. Marx estendeu-se em *Das Kapital* mais do que o comum das obras de economia até seu tempo. Sombart produziu um enorme panorama histórico ao estudar o *Capitalismo Moderno*.

Max Weber prolongou por mais de mil páginas sua obra maior, *Wirtschaft und Gesellschaft*. Ocorreria mencionar Wundt, e novamente James Frazer, e mesmo o *Literatura Européia e Idade Média Latina*, de Curtius, que aliás não é tão extenso; e a obra – conjunto de obras, na verdade – de Braudel sobre o Mediterrâneo. Ocorreria também, agora no orbe islâmico, lembrar os alentados *Prolegômenos*, de Ibn Kaldum, historiador a cuja acuidade intelectual Ortega atribuiu um “olho de gerifalte”.

O que leva um autor a se estender tanto na redação de uma obra? Claro, a abundância de materiais: temas, questões, referências, fontes. Ou o empenho especulativo, a produzir outra abundância, a de idéias. Fico, entretanto, a pensar no problema da unidade e do plano de trabalho: Montesquieu passou cerca de vinte anos elaborando o *Espírito das Leis*, que resultou um livro descontínuo nas idéias e heterogêneo na terminologia. Penso nos trabalhos que se atravessam na atividade do autor durante a redação da obra extensa, interrompida aqui e ali para os cuidados com um livro mais breve (nem sempre “menor”), para artigos ou cursos e conferências. E também na

sustentação interna das articulações, na disposição e revisão das fontes, na tentação de saltar certas partes e tratar de outras mais urgentes (ou menos árduas) – o que ocorrerá, depois, com os leitores.

No caso de Gilberto, tenho a impressão de que se esmerava e se comprazia em alongar certos livros, estendendo-os como se se tratasse dos *Nenúfares* de Monet, como se acompanhassem um plano espaçoso, e às vezes aumentando-os com aqueles enormes prefácios, elaborados com o mesmo empenho que teria para com a redação de outros tantos livros: prefácios geralmente substanciosos, carregados de elementos novos e de indicações para se repensar os próprios livros.

4. Considerações sobre o trabalho intelectual de Freyre

Não será excessivo considerar as obras de Gilberto Freyre como uma seqüência, em que o ciclo *Casa-Grande – Sobrados – Ordem e Progresso* forma um conjunto central; uma seqüência que flui através da vida do autor como se pensada em termos definidos desde o começo. Isto sem embargo de tantos de seus escritos nascerem de circunstâncias e serem pensados “a propósito de” alguma coisa.

A obra de Freyre lembra um diversificado painel da formação do Brasil – vários autores já devem ter dito isto –, abrindo-se a partir de uma experiência histórica específica, a do Nordeste patriarcal: uma construção/reconstrução amparada em copiosa massa documental e no poder criador da empatia (ajudada pelo estilo). Além disso, uma reflexão periodicamente interrompida sobre a sociologia não somente sobre seus “princípios” e também sobre o mundo contemporâneo. Afora as outras coisas: ficção, livros de viagem, obras sobre a Tropicologia e estudos sobre frades. Toda a história da nação, revisitada e reconsiderada, quase radiografada com alusões a raças e pessoas, casas e livros, panos e paisagens. Nestes elementos se achava algo do que estava fazendo na França o movimento da *Nouvelle histoire*, e Unamuno já havia falado antes em intra-história; mas o dom de Gilberto consistia em convencer o leitor a respeito das cores e das vidas. Convencer, aliás, é sempre mais próprio do artista do que do cientista.

Torna-se exemplar na figura intelectual de Gilberto esta diversificada abertura para uma enormidade de temas. Certo que isto

terá sido próprio de seu tempo, algo vindo das abrangências do século dezenove: a variedade de assuntos própria da obra de um Sílvio Romero ou mesmo de um Tobias Barreto, tal como, nos europeus, da de um Le Bon (que escreveu inclusive sobre equitação) ou da de um Comparetti ou um Teófilo Braga. Não sei se, a respeito deste traço, já foi citada a frase famosa de Terêncio; mas vale comparar com Ortega (metafísica, política, touros, pintura), e também, em escala menos extensa, com Bertrand Russell, com Sartre ou com Alfonso Reyes.

Exemplar, também, no modo de trabalhar de Freyre, o seu hábito de escrever em casa, como que instalado no cotidiano: recordo as reflexões de Heidegger sobre a habitação e sobre a relação entre o morar e as estruturas do existir. Freyre, aliás, uma espécie de romântico *malgré tout*: muito mais da compreensão e da intuição do que do cientificismo e das metodologias, mais escritor do que burocrata do saber, mais artista do que (ou tanto quanto) cientista.³ Mais do instinto e dos sentidos do que da lógica formal e das categorias convencionais: o instinto literário e o sentido (ou os sentidos) do escrever; também a sensualidade do escrever, que ele próprio, em mais de um lugar, confessou e defendeu. A sensualidade do escrever, distinta da escrita da sensualidade, embora sua cúmplice e aliada.

3 Em certo momento Gilberto recusou o epíteto de romântico, com o qual o designara Artur Ramos, logo explicando porém que a expressão "romântico" em si não lhe desagradava: incomodava-lhe o termo quando colocado em um juízo crítico negativo (*Como e porque sou e não sou*, cit., p. 63 e 64). Veja-se como alude com prazer e simpatia aos componentes poéticos da obra de Simmel ou da de Frazer, amparando sua opinião em diversos expositores, também favoráveis a eles. Afins ao tema estão, certamente, as alusões a Unamuno (visto dentro de um hispanismo característico), que aborrecia a sociologia como ciência, sobretudo a de timbre positivista. Gilberto aproveitava para enfatizar sua simpatia pelo autor do *Sentimento trágico*, e para daí repetir suas dúvidas sobre ser ou não ser sociólogo.

